

# OFICINAS DE MUHIPITI

planeamento estratégico  
património  
desenvolvimento

organização:  
Walter Rossa  
Nuno Lopes  
Nuno Simão Gonçalves



## UM LIVRO DE CRUZAMENTOS, *verde*

Walter Rossa  
Nuno Lopes  
Nuno Simão Gonçalves

**N**a esteira de inúmeros contributos para o conhecimento e salvaguarda da Ilha de Moçambique, de que ganharam estatuto familiar um *livro azul* (1985) e um *livro amarelo* (2012), este *livro verde* regista e visa difundir os principais aspetos e resultados do evento que as universidades de Lúrio e de Coimbra levaram a cabo na Ilha de Moçambique, entre os dias 19 e 29 de julho de 2017, intitulado *Oficinas de Muhipiti: planeamento estratégico, património, desenvolvimento*. Muhipiti é o nome em língua Macua para a Ilha, bem inscrito desde 1991 na Lista do Património Mundial da UNESCO. A edição do livro cruza-se com a exposição de cartazes homónima, concebidos de forma a surgirem como um conjunto sem, contudo, pôr em causa as respetivas autonomias. Competiu-nos conduzir esses dois processos editoriais, que só por isso aqui apresentamos, não se devendo iludir o facto de a produção do evento ter também estado a cargo dos colegas da UniLúrio, a quem desde logo agradecemos na pessoa do incedível Diretor da Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico, Isequiel Alcolete.



A ação foi espoletada pelo desafio que o Reitor da Universidade Lúrio lançou, em setembro de 2016, aos então coordenadores do projeto e curso de doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa da Universidade de Coimbra para, de forma cruzada, pensarem como potenciar a instalação, em curso, da universidade na Ilha com a criação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, em prol da preservação do seu património e bem-estar dos seus habitantes. A ideia rapidamente evoluiu para o estabelecimento de uma discussão com os colegas da Universidade Lúrio com vista à definição e implementação dinâmicas e integradas de um modelo de desenvolvimento sustentável, através da preservação dos seus bens e valores patrimoniais, o que acabou por levar a um compromisso de cooperação académica também de intercâmbio docente e formação avançada.

A Ilha tem vindo a contar com múltiplas cruzadas nacionais e internacionais para a preservação do seu património, das quais há resultados nem sempre fáceis de perceber, pois o desejo tem sido superior à capacidade de realização e o sucesso de uma ação setorial não sobrevive à inação nos demais setores. Numa perspetiva em macro escala, externa, comparativa e de tempo longo, muito se tem perdido ou degradado no quarto de século decorrido desde o reconhecimento do *valor excepcional* da Ilha pela UNESCO. Porém, o essencial permanece, sendo inegável o crescimento de uma consciência geral do seu valor e do potencial que tem para uma melhoria das condições de vida dos seus atores quotidianos. Foi com esse entendimento que, entre outras coisas, nos pareceu essencial alertar para a necessidade de se estudarem, definirem e implementarem diversas ações de forma cruzada, na sua maioria relativamente simples e exigindo poucos recursos, cuja resultante seja mais do que a soma das respetivas partes,



gerando-se, assim, uma dinâmica irreversível no médio e longo prazos. Por outras palavras, discutir e disseminar o potencial metodológico que políticas de ação estratégica têm para concretizar o que todos querem para a Ilha. Não temos dúvidas de que isso tem vindo a ser proposto — basta ver o que tem sido feito no âmbito do Cluster da Cooperação Portuguesa da Ilha de Moçambique (Camões e UCCLA) —, mas entendemos que a instalação da UniLúrio na Ilha é um dado novo com um extraordinário potencial estratégico, ou seja, suscetível de alavancar a definição e implementação, finalmente, de um modelo de desenvolvimento.

Tal como a preparação, funcionamento e orgânica do evento, tudo isso surge convenientemente explicado nas páginas que se seguem. Devemos, porém, realçar que o que esteve em causa e que agora é o objetivo central deste livro, consiste num contributo e ação serenos dentro do espaço da academia, com a projeção para o exterior que os agentes com responsabilidades de gestão territorial, política e cultural da Ilha entendam apropriada, e nunca um movimento com vista à sua substituição. Aconteceu, por exemplo, pouco depois, com o convite feito à Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Lúrio para integrar a equipa responsável pela elaboração do *Plano de Conservação e Gestão da Ilha de Moçambique 2018-2022*, o que tem vindo a fazer com grande diligência e adquire especial significado, se tivermos em conta que não participou na elaboração do *Regulamento de Classificação e Gestão do Património Construído e Paisagem Ilha de Moçambique*, aprovado em 2016, e do *Catálogo do Património Construído Classificado da Ilha de Moçambique* que o acompanha. Em suma, compete à academia investigar e disponibilizar-se para informar as políticas, não defini-las.

Esse princípio teve expressão central na orgânica do evento, no qual se procurou, por todos os meios, recolher informação, opinião e envolver o maior número possível de todos quantos contribuem ou contribuíram para a preservação patrimonial da Ilha, desde logo no processo de permanente interação com a UNESCO. E vem, assim, muito a propósito agradecer e prestar homenagem a Jens Hougard, Júlio Carrilho, Luís Lage e Solange Macamo, que mais uma vez não se fizeram rogados em se cruzarem connosco no *Oficinas* e neste livro. Foi também com base nesses princípios que fomos construindo a base de dados sobre a Ilha com que informamos os participantes no evento — e que, esperamos, o Centro de Estudos e Documentação da Ilha de Moçambique [CEDIM] venha a disponibilizar em linha —; que fizemos múltiplas visitas e entrevistas aos habitantes, agentes e instituições políticas e culturais; que promovemos os debates públicos, muito participados, sobre os trabalhos em curso; que abrimos a exposição provisória dos resultados e a grande festa final que foi a regata de *dhow*s. Em suma, procurou-se fazer um evento da universidade em cruzamento com as pessoas e não apenas para as pessoas.

A exposição e este livro, que agora passam a ser a ata definitiva dos resultados do *Oficinas*, procuram refletir tudo isso. Por isso o imaginámos com o ritmo, a cor e a vida do evento, desde logo estruturando-o com base nas suas duas componentes essenciais: *Muhipiti [perspetivas]* — o conjunto de conferências proferidas, que individualizamos num papel verde e impressão monocromática; *Oficinas [caminhos]* — os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelas oficinas, em papel branco e impressão a cores. Todavia, simbolicamente e não só, pareceu-nos ainda que tudo isso deveria ser composto por forma a exprimir a simbiose perfeita que, por mérito de todos, foi atingida durante os trabalhos, pelo que ambas as partes surgem sucessivamente cruzadas. É um livro não meramente composto, mas desenhado, que se desejou tão alegre quanto sério.

É um livro que dedicamos aos 50 colegas de várias origens e estatutos que trabalharam no *Oficinas*, que também o fizeram e que, connosco, o oferecem à comunidade de Muhipiti, com quem para sempre *estarão juntos*.





OFICINAS  
DE  
MUJERES

OFICINAS  
DE  
MUJERES